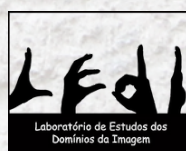


Domínios da Imagem

**A GESTÃO DA (IN)SEGURANÇA
ANTE A (DES)ESTRUTURAÇÃO DO
LAÇO SOCIAL EM O SOM AO
REDOR**

Gustavo Haiden de Lacerda

vol. 17, n. 33. dezembro de 2023





A GESTÃO DA (IN)SEGURANÇA ANTE A (DES)ESTRUTURAÇÃO DO LAÇO SOCIAL EM *O SOM AO REDOR*

The management of (in)security in view of the (de)structuring of social ties in O som ao redor

Gustavo Haiden de Lacerda*

Resumo: Por meio do referencial teórico da Análise de Discurso materialista, em articulação com a psicanálise freudo-lacaniana, este artigo analisa a gestão da (in)segurança por meio das (não) relações com a alteridade no filme *O som ao redor*. O recorte de análise enfoca a inserção de personagens crianças em meio às violências cotidianas do circuito familiar e social em que estão inscritas. Considerando uma estrutura social em constante (des)enlace, são tematizadas formas de materialização discursiva da (in)segurança no material fílmico. Por meio do percurso analítico, delineiam-se cenas-limites catalizadoras de conflitos que culminam na relação violenta com o (O)outro. Como uma presença ameaçadora, a alteridade marca perturbações da trama social aparentemente estável e aponta para a insegurança não apenas direcionada para fora, mas que constitui de dentro.

Palavras-chave: Discurso; (Des)Enlace; Violência; Alteridade.

Abstract: Grounded on the theoretical framework of materialist Discourse Analysis, in articulation with Freudian-Lacanian psychoanalysis, this article analyzes the management of (in)security through (non)relationships with alterity in the film *O som ao redor*. The analytical gesture focuses on the participation of infantile characters in daily violence within their familiar and social circuits. Regarding a social structure continuously (un)tied, forms of discursive materialization of (in)security in the filmic materiality are thematized. Through the analytical trajectory, limit-scenes are outlined, which catalyze conflicts culminating in a violent relation to the (O)other. As a

* Mestre em Letras (Estudos Linguísticos) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE-UEM), Maringá-PR. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Comunicação na McGill University, Montreal, Canadá. Email: gustavo.haiden@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0470-7543>



threatening presence, alterity disturbs the apparently stable social weaving and points to the insecurity that is not only directed outwards, but one that constitutes from within.

Keywords: Discourse; (Un)Binding; Violence; Alterity.

CENA DE ABERTURA

“[...] *l'enfer, c'est les Autres!*” (SARTRE, 2000, p. 93).
“*O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso*” (MÃE, 2013, p. 20).

Estabelecer-se em função do outro é um dos traços mais marcantes da vida entre sujeitos. Da infância à velhice, passando pela adolescência e pela idade adulta, a radicalidade da presença da alteridade é incontornável. Premissa séria, não raro embaraçosa: o “primado teórico do outro sobre o mesmo” (PÊCHEUX, 1997, p. 315). Somos com e para o outro. O embaraço, porém, não é só o que desconcerta; é também o que entrelaça. Em vista dele, tecemos e desfazemos relações, descobrimo-nos desejanter e faltantes. O laço com o outro faz e desfaz o social, em suas muitas tensões.

Fundamentados por esse laço, construímos o presente texto, que objetiva compreender a gestão da (in)segurança trabalhada no filme *O som ao redor* (2012), por meio da relação com a alteridade. Voltamo-nos às formas de materialização discursiva da (in)segurança no material fílmico, considerando uma estrutura social que se edifica, ao passo mesmo em que se desfaz, sobre relações notadamente violentas. Entre muros e grades, câmeras de vigilância e seguranças noturnos, assaltos e invasões, brutalidades cotidianas e legados escravocratas, *O som ao redor* faz ressoar os ecos de uma sociabilidade fundada e mantida por meio da onipresença de estruturas violadoras.



Na seção que segue, abordamos a estruturação do laço social, já inscrevendo sua contígua condição de desestruturação, por meio do referencial teórico da Análise de Discurso (AD), norteadada por Pêcheux (1990; 1995), em batimento com noções tecidas psicanaliticamente por Lacan (1985; 1992) e amarradas pelas contribuições de autores que dialogam com o referencial freudo-laciano. Na sequência, afinamos o dispositivo de análise, em que tecemos considerações acerca da gestão da (in)segurança em relação com a manutenção da violência, com base em Orlandi (2004; 2017), Certeau (1998) e Safatle (2015). Por fim, recortamos o material para análise, perguntando: como a gestão da (in)segurança é materializada e significada com base nos laços com o (O)utro em *O som ao redor*? Com essa questão mobilizadora, desenvolvemos o gesto analítico, dando enfoque às cenas em que as personagens crianças são inseridas em estruturas violentas mantidas pelo afastamento da alteridade e pela fragilização do laço social, ao mesmo passo em que as tensões, no interior da própria estrutura, abrem os sentidos e os sujeitos à deriva que lhes é constitutiva.

(DES)ESTRUTURAÇÃO DO LAÇO SOCIAL

Desde antes de ser um *eu*, o sujeito é um outro. Falado antes de falar, olhado antes de olhar, sua entrada no simbólico, no mundo da linguagem, antecede seu nascimento e perpetua após sua morte. Sobre essa proposição teórica, Lacan (1996) conceituou o Outro como o tesouro dos significantes, em função do qual o inconsciente (o discurso do Outro) se estrutura como linguagem. Pela via da alteridade, propôs a constituição da unidade especular do *eu*, iniciada pelo estágio do espelho, momento em que o reconhecimento da unidade do *eu* depende diretamente do outro, recebendo uma imagem



invertida com a qual se identifica e em relação à qual assume seu lugar (LACAN, 1996).

Tal funcionamento especular, no qual o reconhecimento (do sujeito) encobre um desconhecimento (do outro que o constitui), foi explorado também por Althusser (1996), sob um viés materialista. Para o autor, o sujeito se constitui a partir da interpelação ideológica, que convoca o indivíduo a se reconhecer como sujeito. Como próprio do trabalho da ideologia, sabendo-se sujeito, dentro da evidência elementar – “eu sou eu” –, desconhece o processo que o faz sujeito e ao qual está sujeito. Desconhecer, aqui, não deve fazer supor uma consciência que não sabe, mas um saber de instância inconsciente, que não é apreensível (não inteiramente) pela consciência. Por isso, Althusser (1996) considera a existência de um vínculo entre o ideológico e o inconsciente. Uma ligação perigosa, por assinalar o impensável: que não somos senhores de nossa morada.

Pêcheux (1995), no entremeio do Materialismo Histórico e da Psicanálise, desenvolve sua teoria e prática discursiva sobre essas bases teóricas, enxergando no *discurso* aquilo que liga, materialmente, o inconsciente e a ideologia. Segundo o autor, o recalque (inconsciente) e o assujeitamento (ideológico) estão materialmente ligados (pelo discurso), sem estar confundidos, em vista do “[...] *processo do Significante na interpelação e na identificação*” (PÊCHEUX, 1995, p. 133-134, grifos do autor).

Assim, se o sujeito só *é* com o outro e para o Outro – o qual se configura como o tesouro dos significantes, a malha simbólica em que o sujeito está preso –, o vínculo entre ambos é eminentemente discursivo. E ainda, uma vez que a ideologia, tal como conceituada em AD, opera materialmente pelo discurso e angaria sujeitos de forma inconsciente, consideramos que um elo se estabelece entre inconsciente, ideologia e discurso, em função do qual nos baseamos.



Sendo de ordem material, a ideologia não opera em nível abstrato; ao contrário, atua sobre o plano da reprodução das relações sociais, permeando a vida cotidiana. Os rituais cotidianos, como ir à escola, participar de uma cerimônia religiosa etc., inscrevem os sujeitos em práticas sociais determinadas ideologicamente. Desse modo, repetindo-se nas práticas, as ideologias participam da reprodução das condições de produção das relações sociais. Porém, trespassada pelo inconsciente, no processo mesmo do significante (isto é, discursivo), a ideologia realiza, contraditoriamente, a “reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 134).

Antes de investir sobre essa contradição, é importante introduzir o modo pelo qual Lacan (1985) trabalha o discurso. Para o psicanalista, a “noção de discurso deve ser tomada como liame social, fundado sobre a linguagem” (LACAN, 1985, p. 28), posto que o liame é, sempre, “um liame entre aqueles que falam” (LACAN, 1985, p. 43).

No original, em francês, a expressão é *lien social*, sendo que o termo *lien* pode ser vertido para a língua portuguesa tanto como *liame* quanto como *laço*. Na edição que temos em mãos do seminário 20, mais, *ainda*, a tradutora optou por *liame*. Entretanto, no campo da teoria psicanalítica, *laço social* já se tornou jargão corrente (MOREIRA, 2013). Ambos, *laço* e *liame*, indicam ligação, união, vínculo, mas sobretudo um nó na iminência de desatar. Como a barra na álgebra lacaniana, são aquilo que, concomitantemente, une e separa.

Uma tal compreensão psicanalítica de discurso nos remete ao modo como essa noção é construída no âmbito da Análise de Discurso, na esteira de Pêcheux (1995). Para o filósofo, o discurso não é um documento, uma situação de comunicação bem-sucedida, um ato de fala, mas um processo que se estabelece entre sujeitos em interlocução, produzindo efeitos de sentido determinados pelas instâncias ideológica e inconsciente. É cardeal ter em



conta que, para Pêcheux (1995), o discurso implica uma relação interlocutiva entre sujeitos. Implica, repetindo Lacan (1985, p. 43), “um liame entre aqueles que falam”. Ainda que conceituadas distintamente, as noções de discurso propostas por Pêcheux e Lacan se conectam por este fato primordial: trata-se de relação entre sujeitos. Uma relação, acrescentemos, que não redundando em uma feliz interação, um contato fortuito, mas um modo de ligação. Novamente, um *laço* (que aperta, amarra, envolve, agrupa, sufoca, arrebenta).

Tão relevante é considerar, ainda, que Lacan (1985) caracteriza o discurso como um laço de ordem *social*. Não intersubjetivo, não coletivo, mas social. Um laço que não está pronto, que tem de ser tecido. Seu tecido é, precisamente, a linguagem, a qual inscreve o sujeito entre significantes e entre outros sujeitos de linguagem. Isso pode ser melhor explicitado se recuperarmos a estrutura do *discurso do capitalista*, proposta por Lacan (1992) no seminário XVII, *O avesso da psicanálise*, quando desenvolve sua “teoria dos quatro discursos”.

O discurso do capitalista é uma forma contemporânea do discurso do mestre. Este é caracterizado com um discurso que barra a fantasia e impõe a dialética do senhor e do escravo, na qual o mestre tenta fazer-se o significante (S1), mas sua verdade é ser cindido ($\$$), castração reconhecida pelo escravo e em função da qual ele goza (LACAN, 1992). Por sua vez, o discurso do capitalista representa um deslocamento do discurso do mestre, com uma pequena inversão de termos, que remove a relação entre as posições do agente e do outro, nivelando S1 e S2 e reduzindo – por vezes, anulando – a escansão do significante, a temporalidade de sua interpretação. Na estrutura do discurso do capitalista, então, não há ligação entre as posições agente e outro, ou seja, diferentemente dos demais, no discurso do capitalista não há laço social, pois não se estabelece vínculo entre o capitalista e o proletário.



Lacan (1992) serve-se de uma estrutura lógica para defender o inconsciente estruturado como linguagem, mas não perde de vista que a estrutura é móvel, “atualizável”, como observamos no rearranjo do mestre para o capitalista, por exemplo. Mudanças nas estruturas de gozo, sob intervenção do modo de produção capitalista, afetam as formas de manutenção do laço social. Na estrutura capitalista, com sua modalidade de gozo compulsiva, esse laço é fragilizado.

Em outras palavras, toda reprodução de estrutura caminha junto de uma transformação dessa estrutura, contradição fundamental tematizada por Pêcheux (1995), leitor de Althusser (1996): a contradição da luta de classes. Qualquer relação social, o Materialismo Histórico nos ensina, assenta-se sobre relações econômicas. Disseminada por toda a extensão da estrutura social, a luta de classes não se limita apenas a embates diretos entre proprietário e proletário, pois funciona junto à ideologia e permeia os aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 1996), como a família, a escola, a mídia, entre outros. Também nesses aparelhos a luta de classes se faz motor de relações constitutivamente conflitantes.

O intrincamento dos aparelhos ideológicos, sob a égide do aparelho repressivo de Estado, alicerça a reprodução das condições de produção de uma determinada formação social. Assegurada discursivamente, isto é, por meio de práticas discursivas, a entrada no laço social é inaugurada em concomitância ao assujeitamento à linguagem, ao campo do Outro. Fazendo-se sujeito da e à linguagem, torna-se também sujeito da e à estrutura social.

A Pêcheux (1990) também era caro referir o discurso à estrutura e, no mesmo gesto, ao acontecimento. Uma estrutura corresponde a um todo composto por elementos articuláveis, cuja unidade é mantida pelas relações que cada termo mantém com os demais. Seu funcionamento é regido por leis estruturais, constituindo um todo complexo com dominante, segundo o



vocabulário althusseriano. Quando retomada por Pêcheux (1990), a estrutura é conceituada como aquilo que se estabiliza em meio a derivas e movimentações, bem como aquilo que é deslocável na medida em que está à deriva. Nas palavras de Pêcheux (1990, p. 57),

todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeitos dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação.

Propiciando uma saída da visão positivista para tratar do discurso e do social, a estrutura é vista por Pêcheux (1990) de modo ambivalente e móvel. Somente quando compreendemos o equívoco como *fato estrutural*, a estrutura pode ser potencializada sem estar limitada a um sistema fechado e autossuficiente. Por isso, para entender a estrutura é preciso colocá-la em batimento com o acontecimento, aquilo que agita e “desestrutura-reestrutura” as filiações sócio-históricas, deslocando a estabilidade estrutural, rumo a outros arranjos estruturais. Conforme Indursky (2003, p. 119), “a estrutura faz ressoar os dizeres inscritos na memória social; o acontecimento instaura a possibilidade de romper com a repetibilidade dos sentidos já-lá da memória e abrir espaço para a produção de novos dizeres”.

Por vezes tachado de “estruturalista”, Lacan (1985; 2002) também se serviu da estrutura (para ele, sinônimo de linguagem) para conceituar o inconsciente, removendo-o de uma dimensão biopsicológica ou metafísica. Oriundo dessa estrutura, o sujeito inscreve pontos de não-fechamento, que a retorcem e fraturam, como observamos nos modelos topológicos aos quais o



psicanalista recorria, sempre invertidos, esburacados, anti-euclidianos: a fita de Moebius, o nó borromeu, o cross-cap, entre outros.

Similarmente, Althusser (1996) propunha a sociedade como uma estrutura, uma articulação de elementos compondo uma formação social, assentada sobre uma infraestrutura (base econômica) e afetada pelas superestruturas (ideológicas). O todo social, sob efeito de unidade assegurado pela dominância de um modo de produção, comporta elementos inter-relacionados que o estruturam.

Por um lado, a estrutura é caracterizada por repetibilidade e estabilização, que permite sua reprodução e permanência enquanto estrutura. Por outro, constituída pela ideologia e tecida discursivamente, abriga (estruturalmente) o equívoco, ou seja, a possibilidade de ser outra coisa, diferente de si mesma (PÊCHEUX, 1990). Ademais, se o discurso é laço (LACAN, 1985), esse laço é tecido de linguagem, cujos fios entrelaçam e estruturam as relações com os outros. Mas o laço, assim como a estrutura, nunca está fechado por inteiro e nunca é desfeito completamente; está sempre na iminência de (des)atar. Ao mesmo tempo, “é porque há o *outro* [...] que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar” (PÊCHEUX, 1990, p. 54, grifo do autor), mas também é a existência do outro que insere o heterogêneo no interior do aparentemente homogêneo, desordenando o que se desejaria organizado.

Em *O som ao redor*, notamos que as relações se estruturam, em grande medida, pela violência, que ameaça o estabelecimento de laços. No filme, que apresenta uma rua de um bairro de classe média/média-alta de Recife, os moradores dividem espaços físicos sem, no entanto, compartilhar deles. Inseridos em uma estrutura social fundamentada em torno de micro-agressões cotidianas, que escalonam para proporções mais truculentas com o



desenrolar da narrativa, esses personagens são confrontados com a alteridade a todo momento e com ela tem de prestar contas.

Este artigo recorta o filme tendo em vista as crianças que participam da história, visto que elas nos auxiliam a compreender algo disso que se sabe sem aprender, ou ainda, que se aprende sem saber, que é a reprodução ideológica (PÊCHEUX, 1990). Ao passo que são colocadas no processo de (re)produção das relações sociais, a mesma (re)produção se coloca para as personagens infantis e apresenta-se materializada na obra fílmica. Conforme Orlandi (2017), o social é político, entendido em AD como a divisão dos sentidos e dos sujeitos, de maneira que “os sentidos se constroem com limites. Mas há também *limites construídos com sentidos*” (ORLANDI, 2017, p. 64, grifos da autora). No caso de *O som ao redor*, tais limites podem ser delineados a partir das relações que as crianças mantêm com a alteridade que as circunda e as constitui.

Nessa direção, enquanto uma mulher visita com sua filha um apartamento em um condomínio fechado, do outro lado do muro, aos fundos do prédio, vemos um menino que brinca sozinho com uma bola. Olhando-o à distância e de cima, na sacada, a menina presencia o momento em que ele chuta a bola para dentro do condomínio. Ele a nota e grita para que passe a bola, quando a mãe reaparece puxando-a para dentro. Ainda que a menina exclame (“Mas a bola dele caiu”), a mãe é taxativa: “Deixa pra lá” (SOM..., 2012, 18:43).

Eis o ponto central: limites estão sendo construídos com sentidos. Com o outro não houve ligação, identificação ou transferência, formando espaço de interpretação, pois manteve-se como um Outro não-desejante, ou melhor, aquele cujo desejo não importa. Ali, a tentativa de vínculo é barrada pela figura materna, que vem afirmar a separação com a alteridade, mantida “pra lá”, do



Outro lado, e afastada não apenas pelo muro de cimento, mas pelo muro da divisão social, do qual aquele é sintoma concreto.

GERIR A (IN)SEGURANÇA, GESTAR A VIOLÊNCIA

O próprio funcionamento de uma estrutura pode ser visto como violento, pois estabelece restrições e coerções sobre aqueles que nela se assentam. Os termos são melhor especificados se diferenciarmos, na linha freudiana, agressividade de violência: aquela é parte do mais íntimo de sujeitos em relação, fundamento mesmo da subjetividade; esta é resultado de agressividades levadas a cabo, e que rompem com o contrato social. Para Freud (2010), um dos papéis da cultura, ou da civilização (a depender da tradução), é imprimir a lei da sociabilidade: para que haja laço social, é preciso que se abdique da inteira realização da agressividade. O preço do laço social, portanto, é abrir mão da plena satisfação pulsional, o que não significa que a agressividade, que poderíamos chamar de um conflito constitutivo, não esteja presente. Renunciar às pulsões, inclusive, não deixa de causar mal-estar nos sujeitos. Com efeito, essa renúncia é fonte de muitos dos mal-estares sociais, com particular destaque para a insegurança.

Para desenvolver a gestão da (in)segurança, é necessário frisar novamente a alteridade como constitutiva. Sob a ótica psicanalítica, essa alteridade tem duas facetas: o outro e o Outro. Sendo a contraface do ego, o outro é resultado da relação especular, ao nível imaginário, que se produz quando se dirige a outrem como reflexo do eu, em vista do qual assumirá sua posição. Em suma, é um alter-ego (outro eu) (LACAN, 1985). Por sua vez, o Outro diz respeito ao simbólico, ao inconsciente como discurso desse Outro, que não possui correspondente empírico, mas existe enquanto uma função de assujeitamento ao campo da linguagem; “é o discurso do circuito no qual estou



integrado” (LACAN, 1985, p. 89). Comparece, assim, “o Outro como lugar da fala, como lugar da lei, como lugar das convenções do jogo” (LACAN, 2002, p. 230).

Em função de suas relações com o (O)outro, o sujeito emergirá, em um processo que implica seu desejo, sempre em falta, na medida mesmo em que seu desejo não é seu, mas vem do Outro, desejo de que o Outro o deseje. Assim alienado, o sujeito desejanse entende que somente o Outro poderia suprir essa falta que o afasta da plena satisfação. Contudo, Lacan (1985) insiste, o Outro também não possui o significante que falta, pois ele não é todo, é também faltante (\mathcal{A}). Deflagrado esse furo, ao sujeito é requerido que renuncie a sua busca por completude no Outro, na esperança de encontrar nele seu salvador ou carrasco. Por ser castrado, assim como o sujeito, o Outro nunca poderá preenchê-lo. Reconhecer a castração do Outro implica reconhecer, no mesmo gesto, a castração do sujeito. Diante da inconsistência do Outro, que se desejaria pleno, a estrutura em função da qual o sujeito se alicerça é abalada. Por isso, descobrir que a relação com o Outro não tem garantias é amedrontador.

Materializam-se formas de afastar o Outro que amedronta, em favor de uma sensação de segurança, com vistas a gerir a (in)segurança. É o que ocorre quando consideramos a gestão do espaço na cidade, imaginariamente dividida em segmentos seguros e perigosos, áreas nobres e periferias. De acordo com Pêcheux (2015, p. 109), a divisão núcleo/periferia é parte da lógica capitalista e apresenta-se como “uma divisão estrutural no interior da história da FPC [forma de produção capitalista]”. Tal divisão exerceu um papel importante no desenvolvimento capitalista, como nas explorações “de baixo para cima” (a crescente divisão do trabalho assalariado) e “de cima para baixo” (incorporação e extorsão da maioria) (PÊCHEUX, 2015, p. 108).



Para lidar com essas relações desiguais, qualquer forma de organização social aplica “técnicas de gestão”, baseando-se em uma lógica disjuntiva (ou x ou y ; se x , não y) (PÊCHEUX, 1990), cerceando limites de interpretação. A esse respeito, Orlandi (2004) analisou a formação de “bolsões de segurança” nas áreas urbanas, recortadas por prédios, muros, condomínios, que participam da organização aparente de um dentro e um fora, que por sua vez separa o *hostis* (o Outro, o invasor) do *socius* (o igual, o amigo), produzindo a equivalência do interior com o seguro e do exterior com o hostil. Ao delimitar um bolsão, defende Orlandi (2004, p. 84), “se está fazendo uma violência social”, na medida em que “esse recorte afeta a própria noção de social”.

O desvínculo com a alteridade, radicalizada em sua exterioridade, busca erigir-se como resposta de defesa à violência, a fim de assegurar uma *sensação de segurança*, enquanto tal enganosa, pois “não se pode deixar o social ‘para fora’” (ORLANDI, 2004, p. 91). Para Orlandi (2004, p. 91), a segurança está, ao contrário, na “produção de relações sociais mais fortes”. Inversamente, um bolsão de segurança só pode produzir, na mesma ação de segregação, um bolsão de violência. Segurança e insegurança caminham unidas e são administradas conjuntamente, donde tematizarmos uma *gestão da (in)segurança*.

Entretanto, adverte Orlandi (2004, p. 29), deve-se evitar cair “na facilidade do discurso da violência”, aquele que é homogeneizante de um social complexo. É preciso ir além e assumir que “a violência não é pois natural à cidade”, mas “ela se determina na história das relações sociais” (ORLANDI, 2004, p. 65). Freud (2010) afirma que a própria origem da civilização, referida ao assassinato do pai primitivo, alicerçou-se sobre o reconhecimento da necessidade de renunciar à satisfação pulsional agressiva, trocando “um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 2010, p. 52). Ela é a aquisição em função da qual a agressividade é contida, mas não eliminada,



pois a agressividade é constitutiva das relações, sendo fundamento da vida pulsional. Embora constitutiva, ela não precisa desvelar-se em violência. Em outras palavras, se o conflito é necessário e constitutivo às relações, a violência em direção ao outro não o é.

Ainda assim, ela existe e insiste no próprio movimento de gestão da (in)segurança, gestão do medo do Outro, medo de que o Outro invada e despossua. É sobre tal base que *O som ao redor* se desenrola em vários planos. Ao longo de toda a narrativa filmica, ocorre a reiteração de muros, grades, portões e câmeras de vigilância, que materializam a gestão do (O)outro. São modos de impedir a movência dos sujeitos e dos sentidos, promovendo uma organização urbana que “não compreende (apreende) a realidade citadina em constante movimento” e da qual “emerge a violência: se o conflito é social, a violência individualiza” (ORLANDI, 2004, p. 36). A organização (imaginária) urbana impõe contornos sobre a ordem (real) da cidade, assentada pelo laço social, desde que se entenda que “relações sociais são *relações de sentido*” (ORLANDI, 2004, p. 35, grifo da autora).

No entanto, assim como “organização e desorganização se acompanham” (ORLANDI, 2004, p. 63), estrutura e desestrutura dão forma a laços equívocos. Em outras palavras, tensionado ao limite, o social reafirma-se em sua contradição. Materialmente falando, certas formulações visuais dão contornos a uma *cena limite*, a qual, nas palavras de Lagazzi (2018, p. 174), “pela agudeza de seus efeitos”, configuram “situações que apresentam rompimento nas relações sociais” (LAGAZZI, 2015, p. 185). Trata-se de composições que se abrem contundentemente para a equivocidade, prototípicas de um social dividido, “uma saída limite em resposta à não-escuta resultado do antagonismo estrutural das relações sociais” (LAGAZZI, 2015, p. 185). Retornamos a isso na próxima seção.



Antes, porém, acrescentemos que a imputação do outro como exterioridade radical, aquela que não nos afeta, ignora que é somente a nível imaginário que a alteridade é forjada como o que está fora, como o que vem do Outro lugar, que ameaça invadir o espaço do *eu*. Ainda que a exterioridade seja constitutiva, conforme Pêcheux (1997), existem formas de gestão que isolam sujeitos em espaços e laços que sejam “próprios”, circunscrevendo-os em “um lugar capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1998, p. 46). Produzir um espaço interior para afastar o outro (exterior) institui, concomitantemente, “*uma exterioridade* de alvos e ameaças” (CERTEAU, 1998, p. 99, grifos do autor).

O som ao redor (2012) é exemplar a esse respeito. Paradoxalmente, a inserção dos guardas noturnos exacerba a sensação de insegurança na rua e culmina no desfecho da narrativa. Quando os mesmos vigias se revelam vingadores em busca de desagravo pelo assassinato de seu pai enquanto ainda eram crianças, Claudio pondera ao confrontar Francisco (o abastado dono de terras urbanas e rurais em Pernambuco): tudo “por causa de uma cerca” (SOM..., 2012, 02:04:03). Simbólica, a cerca desenha os limites de uma propriedade privada, o liame que une e separa o que pertence a si e ao outro. Ao encomendar a morte de Antônio, pai dos futuros seguranças dissimulados, Francisco atualiza uma estrutura de violências anteriores, remetendo a um passado de traumas coloniais que ainda repercutem no presente. De modo a invadir o outro lado da cerca e executar o vizinho, é preciso reconhecer e rejeitar a presença da alteridade, ao mesmo tempo ultrapassando o limite e rompendo o laço, na sede de expandir o domínio individual.

Para uma sociedade capitalista, alicerçada sobre pressupostos individualistas, o outro é um “invasor em potencial” e é indissociável da “gestão e produção social do medo” (SAFATLE, 2015, p. 20). A fim de que esse modo de gestão se reproduza, ele necessita que a ameaça seja contínua, de



maneira a tornar a segurança a questão política central. Em nome da segurança, perpetua-se o controle social, tendo em vista a utopia da “sociedade da segurança total”, uma “democracia de condomínio” (SAFATLE, 2015, p. 107). Deparando-se com a impossibilidade de garantir a segurança, a coesão social é modulada a partir do medo. É pelo medo que as “sociedades da segurança” alimentam suas práticas políticas, reduzidas a uma “gestão da fobia” (SAFATLE, 2015, p. 106).

Sendo a alteridade constantemente atualizada como ameaça iminente, ocorre aquilo que Safatle (2015, p. 61) denomina “relação de não relações”, ou seja, a dessocialização dos laços, que legitima o poder do Estado: ele é aquele que fornece o amparo e a segurança contra a violência desagregadora imputada pelos outros, aos outros, por medo do (O)outro.

Contornado esse medo, em nome da (in)segurança, o discurso urbano combina gestão (formas de distribuição de funções e espaços) e eliminação (rejeição dos “detritos” intratáveis pela administração), isto é, aquilo que não é possível gerir tende a ser eliminado (CERTEAU, 1998, p. 173). Porém, os pontos “impossíveis de gerir” (CERTEAU, 1998, p. 174) não são inteiramente elimináveis. Com efeito, ainda na esteira de Certeau (1998, p. 308), a alteridade não é transponível e desestabiliza a “relação feliz que o sistema gostaria de ter com as operações cuja gestão pretende assegurar”.

Trata-se de ver que “o ‘Outro’ atravessa os discursos constitutivamente, e a relação com o ‘outro’ aparece com suas marcas no discurso” (ORLANDI, 2008, p. 147). E mais: “a relação com a alteridade, longe de ser direta, unívoca e clara, é con-fusa e des-organizadora do sujeito” (ORLANDI, 2008, p. 49). Sobre isso, Orlandi (2017, p. 223) especifica: “Como a presença do outro é incontornável, o problema, que se põe, é o de como tratar este outro”. Parafraseando-a, neste trabalho, indagamos: como a gestão da (in)segurança é materializada e significada com base nos laços com o (O)outro



em *O som ao redor*? No filme, a alteridade desorganiza as expectativas: tanto o outro que se imagina fora está dentro – como Dinho, personagem de classe média alta que realiza assaltos na rua –, quanto o que está dentro também está fora (do esperado) – como Bia, mulher de classe média que comete atos hostis aos que a cercam no decorrer de toda a narrativa. A seguir, veremos que o sonho, formação inconsciente do sujeito, por ser habitado pelo Outro, é porta de entrada para observarmos a latência da presença da alteridade.

MATERIALIZAÇÕES DA (IN)SEGURANÇA EM *O SOM AO REDOR*

Um cometa avermelhado cruza o céu crepuscular, marcando o início da cena onírica de Fernanda e pressagiando o insólito da passagem (sequência de *frames*1).

Fernanda, filha de Bia, uma das protagonistas do filme, presencia cotidianamente agressões realizadas e sofridas por sua mãe por e àqueles que estão ao seu redor (as brigas de tapas com a vizinha, a insistência em atormentar e silenciar o cachorro que mora ao lado, a brutalidade com que atropela a bola de meninos que brincam na rua). Junto a Nelson, seu irmão, Fernanda está inscrita em um circuito familiar de classe média, no qual ela é mantida em proteção contra os perigos imaginados do lado de fora dos muros e grades que a circundam em várias cenas, os quais ela não esquece de registrar quando desenha uma casa sobre uma folha branca.

Assim, encontramos Fernanda dormindo em seu quarto, perto de uma janela. Do lado de fora, sob a sombra da noite que começa a dissipar-se e sob o vulto de uma árvore que ocupa o centro da tela, homens pulam o portão e andam pelo jardim: primeiro um, depois outro, em seguida muitos. Escutamos barulhos da grade, passos na grama, sussurros indistintos, que dão forma a



uma sonoplastia ameaçadora, ininteligível, da qual não sabemos o que esperar.

Imagem 1 – O sonho de Fernanda



Fonte: *O som ao redor* (2012, 01:37:56-1:40:26).



Esses sons despertam a menina, que acorda atônita e espreita pela janela. Entre assustada e confusa, ela caminha em direção ao quarto dos pais, seus supostos protetores, mas encontra a cama vazia. Retorna ao seu quarto, mas também o irmão com quem divide o espaço já não está mais lá. Os ruídos crescem, incomodam, desconcertam: estão dentro de casa. Do topo da escada, Fernanda olha para o térreo e vê a entrada tomada por um grupo de dezenas de homens desconhecidos. A sequência corta; a menina acorda. Era um pesadelo. Retorna a dormir, mas não antes de puxar o pé para debaixo do cobertor.

Um sonho, segundo Freud (2018), não é uma porta de acesso livre ao inconsciente, nem sua interpretação revelaria uma verdade oculta ao sujeito. Não interessa à Psicanálise o sonho em si, mas o relato do sonho, o encadeamento significativo que o analisando lhe confere. Não o conteúdo, mas como se narra. No caso do sonho de Fernanda, por recurso próprio à narrativa fílmica, não temos o relato da personagem acerca do que sonhou, mas somos inseridos na cena onírica. Sua visibilidade, porém, não deve cegar: trata-se de uma produção fílmica, que ficcionaliza uma situação de sonho. O que nos impele à análise não é o caráter fictício ou não do sonho, mas seu modo de materialização discursiva. Isto é, não nos atemos somente ao conteúdo do sonho, mas à sua articulação significativa.

Junto ao chiste e ao ato falho, o sonho foi apropriado por Freud (2018) como dispositivo central de análise, pois era um fenômeno residual, no qual um discurso Outro aflora sem o controle do sujeito (LACAN, 2002). Nessa direção, pensando em um deslocamento discursivo, um sonho, como um chiste ou um ato falho, pode configurar-se como um “[...] local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções” (PÊCHEUX, 2015, p. 115).



Para nós, este é o ponto central: em meio à reprodução das relações que sustentam uma estrutura social em que a violência se perpetua em diferentes níveis, obstáculos são levantados e brecam sua repetição, desestruturando sua estabilidade. Em outros termos, indaga Pêcheux (1995, p. 301): “não estaria a série analítica sonho-lapso-ato falho-Witz encontrando obliquamente aqui algo que infecta constantemente a ideologia dominante, do próprio interior das práticas em que ela tende a se realizar?”.

Se o sonho, segundo Freud (2018), exerce função protetiva junto ao aparelho psíquico, seu revés, o pesadelo, aponta para uma falha no processo onírico. Em outras palavras, ferindo violentamente a realização do sonho, o pesadelo pode atingir “com tanta violência que ele [o sonhador] não consegue continuar dormindo, o sonho rompe o compromisso e deixa de cumprir a segunda parte de sua tarefa [de guardião do sono]” (FREUD, 2018, p. 527). Tanto é assim que Fernanda, no ápice do encontro amedrontador com o (O)outro, acorda assustada, recolhendo os pés para debaixo da proteção imaginária do cobertor.

Confrontada com a Outra cena, a personagem encara a engodo da gestão da (in)segurança por meio do fechamento, do afastamento do (O)outro. Não passa de uma “ilusão dizer que ao se fechar se protege. No imediato pode ser que sim, mas no mais duradouro não, porque os reflexos serão no social” (ORLANDI, 2004, p. 76). Em meio à (in)segurança dos sonhos, Fernanda se depara com o Outro que nem os muros, nem as grades, muito menos a coberta, dão conta de afastar.

Ao contrário do que apregoa a lógica do capital, a violência não resulta de vivermos muito perto, defende Orlandi (2004), mas se origina do fato de estarmos vivendo socialmente afastados. As práticas “antissociais”, isto é, aquelas que desfazem os laços, engendram a violência, a qual é produzida pelo “isolamento das pessoas que, na perspectiva em que nos posicionamos, está



na razão inversa da experiência do espaço social” (ORLANDI, 2004, p. 77). Acreditando-se defender a segurança em suas *relações de não-relações* (SAFATLE, 2015), “[...] os sujeitos abandonam justamente o que lhes poderia dar maior segurança: os laços sociais” (ORLANDI, 2004, p. 79).

A casa familiar é a concentração imaginária da segurança, seu refúgio, extensão da própria individualidade a ser preservada e protegida por direito. No entanto, como é sempre-já sujeito (ALTHUSSER, 1996), o indivíduo está também sempre-já com o (O)outro, fato cujo peso a evidência elementar (“eu sou eu”) tenta contornar. Deparar-se com o insuportável – o que somos vem do outro; somos despossuídos de nós mesmos – é assustadoramente real para a forma-sujeito de direito, em uma formação social capitalista. No estado atual dessa formação, a propriedade privada encarna o reduto do direito à segurança individual. Não ser um indivíduo proprietário, portanto, causa medo: medo de despossessão, medo do desamparo fundamental, medo de que o outro nos despossua.

A des-coberta de Fernanda de que o lar não a separa definitivamente dos que vivem do outro lado do muro é indicativo de que a criação de *bolsões na geografia urbana* (ORLANDI, 2004), separando concreta e simbolicamente espaços de (in)segurança, é um gesto imaginário de contenção da alteridade que se teme violenta. Assim posta em funcionamento, a gestão da (in)segurança atinge a sociabilidade, que é a condição histórica dos sujeitos sociais.

No caso capitalista, esse laço se estilhaça pelo recalçamento da divisão subjetiva (LACAN, 1992). Ao realizar o medo latente da despossessão, o sonho articula, pela via do significante, o que foi recalçado e dá vazão ao não-dito (no nível do enunciado) que não cessa de se dizer (no nível da enunciação). Sem base discursiva que os sustente, os laços sociais diluem-se, são relegados ao irrealizado, que por sua vez se realiza na violência cotidiana. Não encontrando



linguagem que as invista de desejo, que acolham a falta constitutiva, as formas de tratamento da alteridade tornam-se insustentáveis.

Insistimos sobre o modo pelo qual o discurso fílmico materializa as falhas da interpelação ideológica e a (des)estruturação da organização social que a acompanha. Os incômodos reiterados ao longo da narrativa – como a sonoplastia aterradora do que vem da rua, sons oriundos do (O)outro do qual é preciso proteger-se, fechando-se entre grades, muros e câmeras – materializa-se por meio de uma sonoridade invasora, a qual se infiltra pelas frestas, ecoa dentro das casas e lembra que o terror do som ao redor é também o descompasso daquilo que ressoa dentro. Com efeito, a unidade é sempre dividida e suas fronteiras são provisórias e móveis, na medida em que “[...] o *mesmo* está inscrito no *outro*” (PÊCHEUX, 2015, p. 119, grifos nossos).

A estruturação-desestruturação do social pelos laços (des)atados com a alteridade presentifica-se também na cena de conclusão do longa. Após tentativas frustradas de silenciar o cachorro do vizinho (a instalação de um aparelho inibidor de ladro, o uso de remédios tranquilizantes na comida do animal), Bia decide comprar bombas como recurso final para calar os latidos que a atordoam desde a primeira cena em que a vemos. No entanto, ela não realiza a ação sozinha, sua família (marido e filhos) se faz presente para o momento das explosões (sequência de *frames* 2).

Enquanto a mãe acende os explosivos, Fernanda e Nelson têm os rostos macabramente iluminados pela chama. Uma vez acesos, todos correm para o canto do pátio, para o lado oposto de onde as bombas preparam-se para detonar. Seus olhares ansiosos aguardam o estouro antecipado e tem início uma sequência intercalada de *frames* que mostram, de um lado (do muro), a família deslumbrada/assustada com a detonação e, do outro lado (do muro), o cão que late e pula aterrorizado. A cada estampido, a cena congela momentaneamente, enquanto o som ecoa de modo violento.



Imagem 2 – Cena final



Fonte: *O som ao redor* (2012, 02:04:16-02:04:50).

O último quadro do filme emoldura o núcleo familiar de Bia mantendo feições entre o êxtase e o assombro, sob o holofote da luz vinda das bombas (sequência de *frames 2*). Eles *gozam*, no sentido lacaniano: transgridem o laço (a estrutura) social em busca do que falta no lugar do Outro, em busca da falta no Outro. Entretanto, precisamente porque há gozo, algo sai do lugar; na repetição, algo se desestrutura: com os olhos recolhidos para baixo, as mãos



fechando os ouvidos, Nelson permanece distanciado, atemorizado, *inseguro*. Seu olhar desviante é representativo de um deslize na estrutura familiar – reprodutora de laços sociais mais amplos. Afastado, o menino continua com medo. Mas o que incomoda não é mais o som do cachorro; é o som interior. Descobre-se que o Outro estranhamente familiar falta, que o Outro não pode responder à altura da demanda pela (in)segurança, que o (O)outro, com efeito, não é inteiramente Outro, porque constitui de dentro.

Os sentidos e os sujeitos não podem ser estancados, uma vez que a movência é sua característica motriz. Se cerceados e enclausurados, atingem um limite e explodem (violentamente). Entre a sequência sonora dos estampidos e o congelamento dos quadros, *O som ao redor* (re)produz uma *cena-limite* (LAGAZZI, 2015), exemplar de um social dividido e violentado. Cena, no entanto, aberta ao equívoco, à deriva, pois desafia os “[...] limites bem definidos de um social logicamente dividido entre o bom e o mal” (LAGAZZI, 2015, p. 186).

Fragmenta-se a lógica da separação estanque entre o dentro e o fora, entre o *eu* e o (O)outro, fronteira sempre-já equívoca, volátil, desestruturante. Nesse ponto, a gestão da (in)segurança falha, porque o (O)outro se recusa a permanecer do Outro lado: ele nos invade. Essa *lógica* remonta a uma violência estrutural e é sustentada, pelo discurso fílmico, como insustentável, na medida em que não sustenta laço social. O que resulta da separação violenta com a alteridade, alocada na posição de exterioridade não-constitutiva, é sempre mais medo, mais violência, mais insegurança. Em outras palavras, à violência para fora “corresponde a violência para dentro dos espaços fechados, [...] alimentada pela in-sociabilidade na qual ela [a pessoa] é criada, despreparada para enfrentar relações sociais de qualquer tipo” (ORLANDI, 2004, p. 89).



Entendemos, então, que se trata de uma cena que materializa uma estrutura de violência ao passo mesmo em que a desestrutura, que abre para a deriva, que permite imaginar (produzir imagens, desafiar imaginários de) outros laços possíveis. Assim, o instante em que a cena congela é também o instante em que a repetição sofre um entrave, que a linearidade é rompida. Congelada, a imagem coloca em causa a repetibilidade da estrutura violenta, pois algo escapa da repetição no interior da própria repetição.

Acerca do lapso e do ato falho, Pêcheux (1995, p. 301) escreve que irrompem “formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’”, as quais, “no tempo de um relâmpago” – ou de um cometa, de um sonho, de uma explosão – “colocam em xeque a ideologia dominante, tirando partido de seu desequilíbrio” (PÊCHEUX, 1995, p. 301). No instante ínfimo de um rojão, a ordem real do social rompe com as contenções imaginárias de uma determinada organização social. Um furo na estrutura: eis o que tanto o pesadelo de Fernanda quanto o aterramento de Nelson denunciam. Quando o limite colocado sobre o (O)outro é desequilibrado ou, ainda, rompido, o que se abala é o fundamento sobre o qual se assenta a gestão da (in)segurança, em desafio à unidade e à coerência da estrutura. A contradição do *limite*, como a do *laço*, é ser o que separa e que liga, o que une e divide um dentro e um fora inseparável.

“Ao colocar a estrutura em relação com outras possibilidades estruturais no jogo da história” (LAGAZZI, 2015, p. 177), a cena-limite opera a transgressão do limite. Nela, o (O)outro se mostra o princípio de estruturação e desestruturação; é o (O)outro que faz e desfaz a estrutura, no movimento que se estabelece entre os “[...] pontos de identidade nos quais o ‘ego-eu’ se instala” e a sua desestabilização, “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (PÊCHEUX, 1997, p. 317). Como escreve Certeau (1998, p. 215), transgredir a aparente



separação entre o interior e o exterior “ergue um alhures que extravai, deixa ou faz ressurgir, fora das fronteiras, a estranheza que era controlada no interior”, encontrando o real do limite: “no interior das fronteiras já está o estrangeiro” (CERTEAU, 1998, p. 215). No laço, já está inscrito o desenlace e a possibilidade de realizar outros enlaçamentos.

CENA CONCLUSIVA

Em suas incursões por laços sociais fragilizados, *O som ao redor* problematiza as formas de (não) sociabilidade estruturantes do estado atual da formação social capitalista e convida a pensarmos em modos de conviver em um social que, apesar de conflituoso, não necessariamente resvale na violência.

Realizamos a entrada analítica pelas personagens crianças tendo em consideração que são elas que abrem e fecham o filme, vestígio na materialidade fílmica de que são elas, as crianças, que se situam no jogo entre perpetuar e deslocar a (des)estrutura de violência em que estão inseridas. Ao mesmo tempo em que dividem os espaços – compartilhando deles –, são divididas por eles, separadas pela segurança imaginária da casa, reduto da propriedade, que não as protege inteiramente. Com efeito, segundo o gesto de análise, a violência é trabalhada de forma opaca, não somente como o que vem de fora, mas como a ameaça que também está dentro.

O que se viabiliza, dessas considerações, é que a (in)segurança não apenas se alimenta do temor de dissolução dos laços pela violência, mas sobretudo que ela é gestada pela (des)estrutura social, cujo poder “[...] será sempre dependente da capacidade de fazer circular o medo como afeto social imanente às relações” (SAFATLE, 2015, p. 142). Impedir relações, repelindo a alteridade a todo custo, serve à manutenção da estrutura, assim como à sua



desestabilização, ao gerar pontos de tensão impossíveis de gerir. Tais pontos, materializados no filme pelas cenas-limite analisadas, dão condições de se não traçar ao menos vislumbrar laços sociais que sejam estabelecidos “[...] não reagindo pelo medo”, mas “reivindicando condições de sociabilidade praticáveis” (ORLANDI, 2004, p. 79).

Sendo aquele que nos desampara, que nos lembra do desamparo fundamental, isto é, o fundamento mesmo do sujeito, tenta-se fazer do outro um Outro radical, apartado e mantido a uma distância segura, para proteção do *eu*. Posição de exterioridade que não se sustenta e que implode em violências. Em *O som ao redor*, a presença perturbadora do (O)outro, concentrada nas cenas do sonho de Fernanda e da explosão de bombas contra o cachorro do vizinho, pela sonoridade invasiva, pela composição das cenas, materializa a impossibilidade de gestão plena da alteridade, como se pudesse manter o (O)outro do outro lado dos muros, grades e portas, como se o (O)outro já não estivesse, desde o início, do lado de dentro. Como assinalado na cena-limite conclusiva do longa, *O som ao redor* articula torções e retorsões na (des)estrutura social, assentada sobre contradições inquietantes, ruidosas e explosivas. Simultaneamente, o estopim final é o ponto em que o filme se encerra e em que o (des)enlace social continua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.



COELHO, Carolina Marra. Psicanálise e laço social – uma leitura do *Seminário 17. Mental*, Barbacena, v. 4, n. 6, p. 107-121, jul. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n6/v4n6a09.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 9-89.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003, p. 101-121. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020>. Acesso em: 21 dez. 2022.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, Giovanna; NECKEL, Nadia; GALLO, Solange (org.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas: Pontes, v. 1, 2015. p. 177-189.

LAGAZZI, Suzy. A noção de materialidade na prática analítica discursiva. In: BARBOSA-FILHO, Fabio Ramos; BALDINI, Lauro Siqueira (org.). *Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades*. Campinas: Pontes, v. 2, 2018. p. 157-175.

MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. Porto: Porto Editora, 2013.



MOREIRA, Luiz Eduardo. *Corpo, discurso e laço social: uma leitura dos Seminários XVI, XVII e XVIII de Jacques Lacan*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. *Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso*. Textos escolhidos por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2015. p. 107-119.

SAFATLE, Vladimir. *Circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SARTRE, Jean Paul. *Huis clos, suivi de Les mouches*. Paris: Gallimard, 2000.

SOM ao redor. Direção de Kleber Mendonça Filho. Recife: CinemaScópio, 2012. 1 DVD (131 min.).

Data de envio: 20/06/2023

Data de aceite: 22/11/2023